



O CANTO CONTRA A OPRESSÃO: PATATIVA DO ASSARÉ E A POESIA DO SERTÃO BRASILEIRO

Daniele de Lima da Silva – daniele.lima.rp@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3683-9604>.

Goiamérico Felício Carneiro dos Santos – goiamerico@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6411-7126>.

RESUMO: A literatura de cordel do Nordeste tem expressiva notoriedade no Brasil, devido a sua temática espontânea, marcas regionais e jocosas críticas políticas e sociais. Por causa de tais peculiaridades e relevância surgiu a ideia deste artigo, que tem como objetivo contextualizar tal poesia popular, mais especificamente os poemas de Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré), a partir do seu viés de resistência política e social e reexistência na literatura brasileira. Para isso, empreendemos uma abordagem teórica acerca da cultura popular (Cucho, 1999), da literatura de cordel do Sertão (Assaré, 1978), (Ribeiro, 1987) e da vida e obra do poeta cearense. Para somar tais conceitos e fatos com a resistência política e o reexistir socialmente através da arte, foram utilizadas algumas reflexões de autores para compor a discussão: Arantes (1982), Foucault (2011 e 2004) e Marcuse (1973). E a fim de compreender os poemas de Patativa por este viés proposto no artigo, utilizou-se a abordagem qualitativa, através da análise do discurso francesa (Gregolin, 2008). Assim, por meio de tais leituras, abordagens e análises, foi possível notar que a arte do cearense resiste e reexiste socialmente e no campo literário, principalmente, a partir de três vertentes: linguagem utilizada, a vida do próprio autor e assuntos tratados nos poemas.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia popular; literatura de cordel; cultura do Sertão; Patativa do Assaré.

1 INTRODUÇÃO

Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré¹, nasceu na Serra de Santana, Assaré, no estado do Ceará. Geograficamente, a região é localizada a 500 km de distância de Fortaleza e sua vegetação, em sua maioria, semiárida, com poucas chuvas anuais e terras pouco férteis. Em meio a essa realidade, somado ao trabalho braçal na roça, Patativa cresceu e se desenvolveu sempre ajudando seus pais agricultores pobres no plantio e semeio da terra. É assim que a história do poeta na música e nas rimas se inicia, já carregando traços muito simbólicos. Muitos desses traços e resquícios da realidade foram transferidos, posteriormente, para seus poemas.

Assim, o objetivo geral do trabalho consiste em problematizar poesias de Patativa do Assaré a partir do seu caráter de resistência e reexistência literária. Para isso, Assaré (1978), Ribeiro (1987), Cantel (1993) e Cucho (1999) elucidaram a reflexão sobre cultura e poesia popular do Sertão e Marcuse (1973), Arantes (1982) e Foucault (2011 e 2004) mostraram-se essenciais para a exploração da poesia de Patativa

¹ O poeta ficou conhecido por esse nome, por “Patativa” ser um pássaro da região que possui um belo canto.

do Assaré pelo viés não somente literário, mas somado a questões sociais e políticas. Como metodologia para se debruçar sobre as poesias do autor, a análise do discurso foi escolhida, por proporcionar esse tipo de reflexão, encontrando um universo de significados por meio da leitura do que é dito ou do não dito (Gregolin, 2008).

No primeiro tópico deste artigo, a parte teórica será melhor explorada, caminhando por entre os conceitos de poesia popular, literatura de cordel no Sertão e seu potencial social e político para existir no meio literário. Após isso, no tópico seguinte, os poemas de Patativa serão colocados em jogo como produtos culturais que carregam em si resistência, reexistência literária, voz ativa e outras problematizações sociais. Ao final, haverá o fechamento da discussão teórica juntamente com as análises feitas nos poemas a partir do olhar proposto no artigo.

2 A POESIA POPULAR DO SERTÃO

Para dar início a uma discussão acerca da poesia popular, faz-se necessário realizar uma abordagem também da cultura popular, afinal: “[...] as culturas populares são culturas de contestação” (CUCHE; PEREIRA; GANDRA, 1999, p. 149). Através dessa citação, já se abre um leque de reflexões sobre um produto cultural popular, neste caso: a literatura do Sertão. Como já dito na citação acima, Patativa trabalha também esses aspectos. Traz à tona a resistência, exibindo nordestinos e nordestinas como lutadores de uma realidade difícil, que estão à procura de uma vida mais justa. Além disso, Patativa do Assaré cria seus poemas em um local também político e social, por não utilizar a linguagem culta, normas da língua portuguesa e estar eivado de assuntos específicos, focado em seu povo, e por não ter concluído estudos formais, como outros literários.

Ainda refletindo sobre o conceito de cultura, entende-se o termo, neste artigo, como a reunião de saberes que são acumulados e transmitidos de tempos em tempos, com um alto grau de coletividade (CUCHE; PEREIRA; GANDRA, 1999). Ou seja, a cultura de um determinado grupo é construída em conjunto. Sendo que a noção do termo já inclui o seu patrimônio, os quais possuem ideologias e mitos comuns a essa determinada comunidade (CERTEAU, 1995). Porém, além da ideia mais complexa de obras e produtos culturais mais palpáveis, a cultura também pode ser entendida por meio de suas práticas, cotidiano e costumes. Com isso, tais conteúdos e subjetividades podem revelar muito acerca de como esses sujeitos enxergam o mundo e de como suas histórias são vividas. A literatura de cordel do Sertão é um exemplo em que se pode notar uma riqueza de revelações sobre a região que representa. Afinal, o indivíduo participante daquela própria realidade narra sua existência próxima.

Assim, a poesia popular do Sertão está inserida nas chamadas “subculturas”, sendo definidas como uma área de tensionamento entre sistemas culturais opostos, podendo ser entendidos a partir da

cultura da classe dominante e da classe dominada (CUCHE; PEREIRA; GANDRA, 1999, p. 110). Sabemos que, normalmente, a classe dominante coloca a classe dominada como inferior ou mera cópia do que é produzido nas camadas superiores. Porém, tais entendimentos carregados de desvelados preconceitos podem ser refutados, uma vez que a cultura popular é vista como uma criação repleta de riqueza simbólica e de igual importância no meio cultural.

As culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas apenas confirmam que toda cultura particular é uma reunião dos elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos (CUCHE; PEREIRA; GANDRA, 1999, p. 149).

A partir desse panorama, a discussão da resistência e reexistência se inicia, devido ao fato de a existência da cultura popular se encontrar ligada à essa luta pelo poder de voz. Ou seja, existe a necessidade manifestada pela parte não dominante da população de criar produtos próprios, em contradição ao que é colocado, opondo-se à dominação cultural. A manifestação do povo se coloca em um trabalho contínuo de contestação da difusão baixa de sua arte, por ser classificada, muitas vezes, como inferior².

Assim, a poesia popular tem, em sua natureza, um caráter sociológico com relações ideológicas que caminham entre poetas, poetisas, leitores e leitoras. O orgulho de ser nordestino, por exemplo, é uma pauta muito comum na literatura de cordel. Afinal, nos conteúdos poéticos de Patativa, há sempre a afirmação da regionalidade, muitas vezes, altamente relacionada ao próprio produto da literatura de cordel, como sendo um meio típico do local que merece exaltação e reconhecimento. Mas o que é, de fato, a poesia popular? Apoiando-se em uma definição, a poesia popular pode ser definida como a literatura que carrega em sua essência os saberes, tradições e memórias populares, preservadas no formato escrito e oral (RIBEIRO, 1987). No caso de Patativa, ele contribui para essa preservação tanto na poesia impressa, em livros e cordéis, quanto na poesia cantada. Ainda refletindo sobre conceitos, nada melhor que um poeta popular para explicar o que viria a ser a sua própria arte. Abaixo, a explicação de Patativa do Assaré:

Eu sou um poeta popular, porque nunca estudei literatura. A poesia em forma literária, a poesia erudita, é pra aqueles grandes, é para os literatos, esses poetas grandes, que estudaram, não sei o quê, bababá, e eu, para provar que, mesmo sem o estudo, eu faço o que eu quero, porque Deus é quem quer, não sou eu, aí eu faço verso também assim em forma erudita (ASSARÉ; FEITOSA, 2001, p. 39).

² É válido ressaltar que a cultura popular não se limita apenas ao contexto de resistência e contestação política, porém, como o objetivo do trabalho é focar nessa temática, serão feitas reflexões apenas dentro desse núcleo.

O que sobressai dessa discussão, como elemento mais relevante, consiste no entendimento de que a poesia popular é de origem coletiva, construída a partir da memória regional e de sua tradição oral. A literatura de cordel é democrática no sentido de ser também impessoal e de fomentar a participação. O poeta canta suas próprias angústias e alegrias, mas também pega elementos emprestados do povo. Além disso, não há normas ou grandes dificuldades burocráticas para se entrar em contato com esse produto cultural.

A memória e o improviso de que o poeta é dotado estão muito presentificados em seus cantos que emanam com naturalidade devido ao fato de existirem poetisas e poetas que não sabem ler ou escrever (CASCUDO, 1954). Assim como a apresentação de “repentes”, que são utilizados também pelo fato de existirem pessoas no público as quais não podem ter acesso ao material escrito por meio da leitura ou por falta de alfabetização. Os livretos ficam nos varais, em feiras locais, por exemplo. Os repentistas fazem uma roda, chamam os ouvintes para participar, e assim, todo o ritual desse material popular se concretiza. Além do povo ser parte da inspiração, ele também participa do restante do processo. Na literatura de cordel não há leitor solitário, a leitura é feita em conjunto e o poeta pode recitar versos improvisados ou não, diretamente para seu público. O ouvinte é prioridade dos poetas e poetisas populares, tanto nos objetivos de disseminar os poemas quanto de representar fielmente seu público, manifestando seu cotidiano, existências sociais e reivindicações políticas.

A própria linguagem também se mostra extremamente em consonância com a expressão e os dizeres do local em que o poeta está inserido, aproximando o declamador do público. Existe essa comunicação mútua, de aceitação e identificação. As pessoas têm mais vontade de acompanhar a declamação dos versos, por justamente se enxergarem no que é descrito. Mais do que utilizar os jargões e gírias do povo, o poeta popular possui as mesmas vivências de seu leitor/ouvinte e, dessa forma, vai se compadecer com suas dificuldades. Isso porque Patativa vive ou já viveu dificuldades semelhantes aos seus ouvintes e pode ter uma empatia mais verdadeira da situação:

Caboclo roceiro das plagas do norte,
Que vives sem sorte,
Sem terras e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto,
Se escuto o teu pranto,
Me ponho a chorar
(ASSARÉ, 1978, p. 99).

3 POESIA DO SERTÃO E RESISTÊNCIA

O olhar que o poeta lança sobre a realidade social de seus companheiros é captado, e de certa forma, ele se transforma em um representante do povo, possuidor de um papel social importante

(RIBEIRO, 1987). O poeta popular aparece como a voz do povo, reforçando sua arte e ao mesmo tempo reivindicando direitos. Patativa do Assaré possui alguns versos com essa temática de contestação. “Prefeitura sem Prefeito” é um dos poemas mais conhecidos do autor, justamente por trabalhar nessa linha de reivindicação. Nele, o nordestino explora a questão da corrupção política e o desvio de verbas públicas em sua cidade Assaré (CE):

Nesta vida atroz e dura
Tudo pode acontecer
Muito breve há de se ver
Prefeito sem prefeitura

Vejo que alguém me censura
E não fico satisfeito,
Porém, eu ando sem jeito,
Sem esperança e sem fé
Por ver no meu Assaré
Prefeitura sem prefeito (PORTELA, 2006, p. 25).

Para o poeta popular nordestino, seus conterrâneos devem continuar a lutar por seus direitos e também necessitam encontrar forças para superar seus outros problemas, que muitas vezes são decorrentes de sua condição social, como a fome, a humilhação, os trabalhos desumanos e até a morte. Em “A morte de Nanã”, Patativa narra como sua pequena filha faleceu, comovendo seu público e trazendo pautas importantíssimas a serem discutidas. Nesses versos, questões sociais e íntimas são levantadas, mesclando duas temáticas muito utilizadas por Patativa:

Era uma quirida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi na sua isistência,
A cura da minha dô
E a vida do meu vivê.
Eu bejava, com prazê,
Todo dia, demenhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã
(PORTELA, 2006, p. 143 - 144).

Com isso, o poeta popular canta e escreve em seus versos a sua própria história e também a de seu povo, gerando grande identificação, uma vez que em períodos de muita seca na época, a mortalidade

infantil do Nordeste se mostrava crescente. A população é, portanto, a grande inspiração do escritor. De certa forma, o povo também escreve e recita simbolicamente as palavras do autor. A linguagem poética (incluindo a popular) carrega elementos que se desdobram em várias temáticas, incluindo a resistência e reexistência política, social e artística, que é o caso do poeta cearense aqui estudado (PIGNATARI, 2005).

Patativa carrega consigo de maneira muito presente aspectos líricos e épicos. Representando, assim, o Nordeste simbolicamente, porém sem deixar de lado a oralidade e a função social de seus versos: “A literatura popular existe em outros países, mas nenhuma é tão relevante quanto a do Nordeste [...] ela resiste e se transforma cada vez mais” (CANTEL; CLÉMENT; LEMAIRE, 1993, p. 16). De fato, ela resiste e continua. Recentemente, foi lançado um documentário sobre Leonardo Bastião³, um poeta analfabeto, que se assemelha a Patativa em vários pontos. Ele também é agricultor, canta e declama a partir da memória e com a mesma ânsia de falar sobre a natureza local, angústias da vida humana e existir poeticamente no Sertão. Ou seja, a poesia popular ainda carrega a essência de ser feita pelo povo e de trazer à tona reflexões importantes, de forma única, em seus próprios espaços:

O cordelista é um historiador que descarta o distanciamento acadêmico em obediência aos ditames do coração, é um poeta que recusa a torre de marfim para sujar os pés no chão, é um profeta que sucumbe aos próprios vaticínios [...] um ente literário cujas veias corre tinta de impressão e em cuja face as rugas profundas parecem espelhar os sulcos vigorosos das matrizes das xilogravuras (VASQUEZ, 2008, p. 13).

O resistir e o re-existir da poesia popular do sertão, além de se localizarem na temática dos versos, linguagem e formas de difusão, também são manifestadas na figura dos próprios poetas e poetisas populares. A figura de tais artistas representa seus próprios ouvintes e dá voz aos seus cotidianos, às suas agruras e às suas histórias, uma vez que eles fazem parte dessa realidade, vivendo próximos a uma vegetação repleta de mandacarus, cozinham com o fogão a lenha, trabalham com de enxada na mão e pegam água no cacimbão.

Patativa do Assaré, por exemplo, iniciou seu contato com a poesia ainda criança, após a morte de seu pai, também agricultor. E foi assim que o cearense se apaixonou pelas rimas, trabalhando na roça e cantando sobre o seu ofício, dificuldades que passava com seus irmãos e irmãs do Sertão e sobre o orgulho nordestino. Tudo isso utilizando a linguagem simples, jargões da região, sem preocupação com as normas cultas da língua portuguesa, rima própria e improvisação. No relato abaixo, o artista conta um pouco da sua trajetória como poeta:

³ O poeta apareceu primeiramente no documentário “Poetas populares do Sertão do Pajeú” no ano de 2017. Posteriormente, três anos depois, Leonardo ganhou seu próprio filme “Leonardo Bastião, o poeta analfabeto”. Ambos estão disponíveis de forma pública no Youtube.

Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí, dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com a diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixar aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. Só de ouvido, mas era bonita [...] a base era a rima e a medida. A medida do verso, com a rima, tudo direitinho. Aí, quando eu peguei o livro de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos, aí eu melhorei muito mais. Eu já tinha de ouvido, porque já nasci com o dom, não é? (ASSARÉ; FEITOSA, 2001, p. 39).

Dentro disso, Patativa do Assaré exhibe seu local de nascimento como um campo de batalha a ser vencido diariamente, assim como a própria nação. O Brasil é mostrado na poesia de Patativa, como um país desigual e injusto para a maioria dos brasileiros. E é nessa linha de descontentamento e sede por justiça que o poeta desbrava esse Nordeste que dever ser igual para todos. Ele mesmo se define como o poeta da justiça e da verdade, como aquele que diz o que verdadeiramente sente “[...] é na obra que o artista materializa o diagrama que sente vibrar em sua pele” (SOARES, 1997, p. 29).

Assim, Patativa do Assaré é considerado um dos representantes do Sertão. Afinal, as histórias sofridas e sensíveis que ele conta também fazem parte dele e geram identificação por muitos brasileiros. Por ele ser tão importante para a cultura nordestina, os admiradores decidiram documentar seu trabalho por meio de livros e filmagens.

Ou seja, as obras que o poeta nos legou foram resgatadas do esquecimento por esses admiradores, não sendo um ato deliberado do cantador cearense. Assim, em seus versos estão presentes protestos sociais, como a reforma agrária, por exemplo, e clamor por direitos fundamentais dos cidadãos:

[...]
Lamento desconsolado
O coitado camponês
Porque tanto esforço fez
Mas não lucrou seu roçado
Num banco velho, sentado

Olhando o filho inocente
E a mulher bem paciente
Cozinha lá no fogão
O derradeiro feijão
Que ele guardou pra semente
(ASSARÉ, 1978, p. 311).

Na pele de Patativa vibra orgulho da sua região, está espelhada a esperança por uma realidade melhor e também há a revolta. Além disso, Patativa também vai de poeta contestador para aparecer como pai de nove filhos, trabalhador do campo, que possui suas fraquezas e usa seus verbos para trabalhar tais confissões. Ele é símbolo de resistência nordestina, justamente por exhibir seus sentimentos e ser sincero no que diz, sem medo de levantar as necessidades dos seus irmãos. Ou seja, sua resistência e reexistência

literária também estão em sua própria vida pessoal.

“Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2004, p. 150). Nesse instante, o próprio leitor ou ouvinte pode, então, se identificar com tal discurso e refletir sobre os assuntos levantados. Além disso, tudo aquilo que Patativa representa, por ser agricultor, nordestino, pobre, idoso, cego e conseguir ter livros publicados com seus poemas se mostra um espaço de privilégio, cuja oportunidade muitas pessoas em condições semelhantes não possuem: “[...] a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos” (EVARISTO, 2005, p. 52). A voz do agricultor do interior do Ceará consegue ganhar maiores proporções, o que não é comum. O cearense quebra paradigmas, uma vez que consegue publicizar mais ainda o seu trabalho como poeta popular. Consequentemente, é capaz de direcionar os olhares para a cultura do Sertão e sua realidade.

Além disso, a resistência dessa poesia também pode ser considerada na “parrésia”, ou seja, dizer a verdade acima de qualquer risco por dizê-la (FOUCAULT, 2011). Seus testemunhos em versos, assim, são de vívida importância para a história brasileira, por marcarem acontecimentos delicados do passado, mas que precisam ser discutidos até os dias atuais, uma vez que muitas realidades ainda se assemelham com a do poeta. A ousadia e a coragem de dizer sempre foram pontos que marcaram muito a arte do cearense, sendo a “parrésia” um ponto alto em sua literatura:

O sujeito ao dizer essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que se diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja parrésia é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. É, portanto, a verdade, no risco da violência (FOUCAULT, 2011, p. 12).

O contexto da ditadura militar, no Brasil, pode ser considerado como um exemplo da prática da “parrésia” por músicos, escritores, jornalistas e poetas, inclusive Patativa do Assaré. Limitando as subjetividades, reclamações, opiniões e reivindicações, o governo ditatorial buscava filtrar tudo aquilo que possuía expressivo alcance aos cidadãos. Os veículos de comunicação foram os alvos. Em comparação com a mídia tradicional, a poesia popular de Patativa conseguiu resistir mais, pois o alcance não era tão expressivo se comparado às mídias de maior alcance. Mesmo assim, na época, o poeta foi questionado e preso por causa das temáticas em suas obras, mais especificamente, por conta do poema “Caboclo Roceiro”:

Sou poeta agricultor
Do interior do Ceará
A desdita, o pranto e a dor

Canto aqui e canto acolá
Sou amigo do operário
Que ganha um pobre salário

[...] procurando resolver
Um espinhoso problema
Eu procuro defender
No meu modesto poema
Que a santa verdade encerra
Os camponeses sem terra
Que o céu deste Brasil cobre
E as famílias da cidade
Que sofrem necessidade
Morando no bairro pobre
Vão no mesmo itinerário
Sofrendo a mesma opressão
Nas cidades, o operário
E o camponês no sertão
(ASSARÉ, 1978, p. 54)

Mesmo sob ameaças, o cantor não se escondeu e continuou a praticar sua liberdade de fala. Ele, como trabalhador rural, tinha também o objetivo de divulgar a realidade vivida no Sertão e outrossim, os abusos sofridos com operários e operárias da cidade. Devido a essas temáticas, suas obras passam credibilidade ao público, e o próprio autor definiu a beleza da poesia como sendo “falar sempre a verdade”.

Ou seja, o cearense apresenta em seus poemas uma “arte de resistência”, a qual era discutida fortemente por Herbert Marcuse (1973). Para o autor, a verdadeira arte tem como objetivo provocar mudança e questionar a realidade imposta pelo *establishment*, incentivando a população a se libertar das amarras impostas:

[...] a arte abre a realidade estabelecida a uma outra dimensão: a da possível libertação, uma ilusão em que outra realidade se manifesta, deliberadamente ilusória, diferente do estabelecido e se transcende, mas não no sentido de mera ficção e fantasia, mas no de um universo de possibilidades concretas (MARCUSE, 1973, p. 89).

Assim, na arte revolucionária, a linguagem do *establishment* é esquecida e o processo produtivo cultural deve ser regido de acordo com a classe trabalhadora: jargões, estilo, costumes, temas etc. Nesse sentido, a poesia popular se insere no cenário da “arte de resistência”. Mais especificamente, dentro da resistência e da reexistência literária do autor, é possível identificar tais aspectos principalmente através da sua própria vida em conjunto com suas obras, as temáticas de reivindicações em seus poemas e a própria estrutura de seus poemas no tocante à linguagem utilizada. Nos poemas de Patativa, notam-se tais aspectos simbólicos particulares do Sertão, os quais estão em constante interação com o próprio autor:

[...] Que seja inverno ou istio,
Se tratando de adjunto,
Um dos animado assunto,
Se as cabôca em desafio
Pilando arroz e o mio
Um dos animado assunto,
Na mais doce animação,
Joga tum-tum no pilão
De madêra jatobá
Tum tum tum, tum tum pá,
É coisa do meu sertão
(ASSARÉ, 1978, p. 289).

Fica muito claro, em “Coisas do meu Sertão”, o poder regional da poesia de Patativa, concretamente no vocabulário utilizado e na descrição das atividades cotidianas, com as quais o público irá se identificar. Mais relacionado com a questão revolucionária política, o cearense explora sua arte para reivindicar direitos e denunciar problemas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. O tensionamento político é claro e as opiniões são expostas. No poema abaixo, a história do caboclo roceiro é contada:

Caboclo roceiro das plagas do norte,
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
És rude, cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também sua escola.
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça.
De dia, na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão
(ASSARÉ, 1978, p. 100).

Em “Caboclo Roceiro”, a realidade do difícil trabalho da agricultura é revelada. As vozes dissonantes evocam seus direitos e clamam por justiça. Conteúdos desse tipo sugerem novas formas de pensar para o público que acompanha a arte, reforçam problemas e podem, sim, causar impactos na estrutura social de tais grupos. A existência do potencial político é clara e essa arte popular pode ser radical e funcionar, sim, como uma arma de denúncia, apontada por Marcuse (1973).

Para que aconteça um forte impacto na sociedade que consome tal arte, aumentando o potencial político, é importante que o artista esteja dentro daquilo que ele cria. Patativa, por exemplo, fala sobre a vida no Sertão e realmente nasceu e viveu naquela realidade (ARANTES, 1982). Nesse sentido, tal pauta

se relaciona com aquilo citado anteriormente, sobre a linguagem. No caso do poeta estudado, ele utiliza o vocabulário não conformista com o *Establishment*, desligando-se da opressão e da dominação da língua culta. O povo fala para o povo e quer conversar de uma forma confortável, com a qual o público se identifique e compreenda plenamente tudo aquilo que é passado: “O denominador comum para o radicalismo deslocado na revolução cultural é o anti-intelectualismo” (MARCUSE, 1973, p. 119). A linguagem subversiva possui a afinidade com o protesto e com a recusa:

[...] Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre sem dinheiro
Trabaiando o dia intêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe.
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato
(ASSARÉ, 1978, p. 24).

No poema “Cante de Lá que Eu Canto de Cá”, a linguagem popular é intensamente utilizada. Apenas no título a questão de re-existir como poeta do Sertão já é evocada: de um lado, o poeta iletrado canta, e do outro, o letrado também canta, cada um no seu local de fala. Mas Patativa faz questão de separar bem incisivamente essas duas realidades. Dentro disso, a denúncia vem de alguém que vive na pele a realidade declamada nos poemas: um agricultor conta sobre a rotina pesada de possuir esse tipo de trabalho e afirma que só quem pode contar sobre o Sertão é quem mora nele, possui trabalhos semelhantes, alimenta-se dos mesmos pratos regionais, vive em meio a tais condições e sofre as consequências disso.

Nesse sentido, o poeta popular pode dar voz às pessoas que normalmente não são ouvidas. Consegue criar laços e partilhar a arte com quem, normalmente, não consegue ter contato com ela. Afinal, muitas vezes, apenas as necessidades básicas são consideradas importantes para as classes baixas: ter acesso à comida, moradia e saúde, as quais ainda são escassas. Já a arte e o lazer seriam especialmente destinados ao usufruto das classes altas. Mas Patativa vai em direção contrária a isso, cria sua própria arte coletivamente e a compartilha com seus companheiros em atos simbólicos. Se não há arte para o povo, que exista, então, uma arte feita pelo povo, partilhada entre todos, democraticamente. Logo abaixo, na continuação da poesia “Cante de lá que eu canto de cá”, o autor foca sua liberdade em criar a arte, mesmo não sendo estudado, como os poetas cultos:

[...] Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo

Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá

[...] Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gôzo,
Que eu canto meu padecê.

[...] Repare que a minha vida
É diferente da sua.
A sua rima polida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem diferente,
Meu verso é como a semente
Que nasce em riba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obras da criação

[...] Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada galho
E um verso em cada fulô (ASSARÉ, 1978, p. 25).

Assim, a arte manifestada pelo poeta não somente contribui para a afirmação do cantador como artista, mas por ser revolucionária, ela abre caminhos e expande novos espaços para camponeses e camponesas como ele, que, sem estudo, talvez nunca se imaginariam atuando como poetas ou poetisas: “A própria arte, na prática, não pode mudar a realidade e a arte não pode submeter-se às exigências concretas da revolução sem se negar a si própria. Mas a arte pode extrair suas inspirações e sua forma do movimento revolucionário” (MARCUSE, 1973, p. 119).

Além disso, há um lugar voltado para a atenção das histórias do Sertão e da realidade vivida ali: quem sabe contar sobre o Sertão são os sertanejos, as pessoas que vivenciam determinada realidade todos os dias. E foi com esse estilo de exaltação da cultura local, denúncias, protestos, abertura de seus sentimentos e explanação dos detalhes e simbologias sertanejas, que Patativa fez seu nome na poesia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a poesia do cearense é repleta de aspectos pessoais, explorando momentos da infância e dores familiares. Porém, ele vai além e exhibe essa realidade de forma poética e, ao mesmo tempo, revolucionária. Isso porque a literatura do Sertão de Patativa situa-se também no âmbito da resistência e da reexistência de sua própria arte, de três maneiras principais: a partir das temáticas mais

discutidas em seus poemas, da sua própria vida pessoal e da forma como constrói seus poemas, estrutural e simbolicamente.

Ou seja, a resistência e reexistência se situam nos assuntos que Patativa decidiu abordar em seus poemas, como, por exemplo, denúncias, justiça social, exposição da realidade vivida no Sertão, contestação a patrões e ao governo. Em “A terra é nossa”, o cearense se posiciona claramente a favor da divisão de terra para os trabalhadores e denuncia o latifundiário:

[...] Se a terra foi Deus quem fez,
Se é obra da criação
Deve cada camponês
Ter uma faixa de chão

Quando um agregado solta
O seu grito de revolta,
Tem razão de reclamar
Não há maior padecer
Do que um camponês viver
Sem terra pra trabalhar

O grande latifundiário,
Egoísta e usuário,
Da terra toda se apossa
Causando crises fatais
Porém nas leis naturais
Sabemos que a terra é nossa (ASSARÉ, 1978, p. 50).

A resistência dentro desse exemplo se manifesta politicamente de forma mais direta, nesse formato, as reivindicações são feitas de formas pontuais e com um apelo mais racional: justiça para as pessoas com condições sociais desfavoráveis e para os trabalhadores e trabalhadoras braçais desvalorizados.

A recitação da sua própria vida com acontecimentos marcantes também representa resistência política e ao mesmo tempo reexistência na literatura. Afinal, a realidade é exposta sem muitos filtros e Patativa deixa as palavras correrem livre pelos versos. Suas histórias de vida no campo ocupam espaço em livros e em declamações, tornam-se músicas e encantam muitos ouvintes. A literatura não precisa ter conteúdos mirabolantes com palavras difíceis e rimas impensáveis, o cotidiano do sertanejo torna-se mágico e conquista seu lugar nos poemas. Em “Vaca Estrela e Boi Fubá”, o cearense fala sobre seu trabalho de agricultura, cuidado dos animais e da sua alegria em vivenciar essa realidade.

[...] Hoje eu tô na terra estranha,
É bem triste o meu penar
Eu já fui muito feliz
Vivendo no meu lugar

Eu tinha cavalo bom
E gostava de campear
Todo dia eu aboiava
Na porteira do curral
Eeeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá

Eu sou filho do Nordeste,
Não nego meu naturá
Mas uma seca medonha
Me tangeu de lá prá cá

Lá eu tinha o meu gadinho,
Não é bom nem imaginar
Minha linda Vaca Estrela
E o meu belo Boi Fubá
Aquele seca medonha
Fez tudo se atrapalhar (ASSARÉ, 1973, p. 77)

Aqui, além de descrever sua rotina de camponês, também exhibe sua realidade de retirante nordestino. Ou seja, uma seca que aconteceu no Ceará e deixou a terra menos fértil e acabou matando também seus animais, incluindo a vaca Estrela e o boi Fubá. Mesmo parecendo um poema simples sobre a vida de um agricultor, por detrás das rimas é possível perceber a angústia de precisar sair de seu local de nascimento em busca de uma vida melhor; seu amor e orgulho pelo Sertão; paixão por uma rotina simples e por um trabalho que muitas vezes não é valorizado. Pode-se interpretar também que o sertanejo não queria sair da sua terra natal, foi, de certa forma, obrigado a retirar-se por causa da seca. Entende-se que se o governo brasileiro tivesse melhores programas sociais e sistemas para “driblar” os impactos da seca no Sertão, seria possível continuar morando na sua terra natal. Assim, a vida do próprio poeta somada ao ato de fazer poesia com bom alcance para seu público já é um ato de reexistência, pois coloca sua história em jogo e transforma seu cotidiano em um grande ato de resistência política.

A resistência política e reexistência literária também aparece na forma de estruturar os poemas e colocar-se como o poeta do sertão, agricultor, semianalfabeto e sem estudos formais. Ele prova que é possível fazer poesia relevante nesse contexto. O “erro” gramatical nas palavras exhibe sua história, as expressões e jargões típicos nordestinos mostram o saber popular, costumes e cultura local. Em “Poeta da Roça”, Patativa se abre a partir desse aspecto:

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha choupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio

[...] Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu sei o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estudá

Meu verso rastero, singelo e sem graça
Não entra na praça, no rico salão
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home
E tomba de fome, sem casa e sem pão
(ASSARÉ, 1973, p. 89)

A poesia do autor é baseada em sua vida de agricultor, de pai e de nordestino. Os versos são construídos com a mão no cabo da enxada, com as rimas do Sertão e com as denúncias políticas, prezando sempre pela verdade e sinceridade. Os poemas de Patativa ressurgiram na época em que ele ainda era vivo, desde o seu primeiro grande alcance, e continuam re-existindo até os dias atuais. A justiça social para o povo do Sertão e operários da cidade é pautada, mas também a resistência pelo seu espaço de fala em um campo que não pode ser elitista, ele dá voz para trabalhadores e trabalhadoras da roça e abre esperanças para essas pessoas seguirem seus passos e fazerem poesias. Seus versos têm igual valor aos literários com estudos formais. A existência poética de Patativa é um canto para a igualdade, visibilidade e respeito para um povo historicamente oprimido.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. *Rio de Janeiro: Vozes*, 1978.

ASSARÉ, Patativa, do; FEITOSA, L. Tadeu. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras, 2001.

ARANTES, Antonio Augusto. *O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel*. São Paulo: Editora Kairós, 1982.

CANTEL, Raymond M.; CLÉMENT, Jean-Pierre; LEMAIRE, Ria. *La littérature populaire brésilienne*. Centre de recherches latino-américaines, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e cultura, Inst. Nacional do livro, 1954.

CERTEAU, Michel. *Cultura No Plural (a)*. São Paulo: Papyrus Editora, 1995.

CUCHE, Denys; PEREIRA, Miguel Serras; GANDRA, Fernando. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século, 1999.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, v. 1, p. 52-57, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. São Paulo: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. *Comunicação mídia e consumo*, v. 4, n. 11, p. 11–25, 2008.

MARCUSE, Herbert. *Contra revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1973.

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

PORTELA, Cláudio. *Melhores poemas de Patativa do Assaré*. Global Editora. São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1987.

SOARES, Daniel Lins. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. São Paulo: Papyrus, 1997.

VASQUEZ, Pedro Afonso. *O universo do cordel*. Recife: Instituto Cultural Banco Real, 2008.

Title

The songs against oppression: Patativa do Assaré and the Brazilian popular poetry.

Abstract

Cordel Literature in the Northeast of Brazil has a significant notoriety because of the spontaneous theme, regional marks and political and social criticism. Because of such peculiarities and relevance, the idea of this paper came. This paper has the objective to contextualize such popular poetry, more specifically the poems of Antonio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré), with the political and social resistance and reexistence in Brazilian popular literature. For this, we read and studied some theoretical approaches about popular culture (Cuche, 1999), poetry of Northeast of Brazil (Assaré, 1978), (Ribeiro, 1987) and the life and work of Patativa. For add such concepts and facts with political resistance and social reexistence through the art, some reflections by authors were used to compose the discussion: Arantes (1982), Foucault (2011 and 2004) and Marcuse (1973). And in order to understand the poems of Patativa by the proposed of the article, a qualitative approach was used, through the analysis of the French discourse (Gregolin, 2008). Thus, through such reads, researches and analyzes, it was possible to notice that art of Patativa resists and reexists socially, mainly, from three aspects: language used, the life of Patativa and subjects dealt with in the poems.

Keywords

Popular Poetry; Patativa do Assaré; Popular Culture; Cordel Literature.

Recebido em: 04/10/2020.

Aceito em: 18/03/2021.